

## **Conectivos e conexão de orações em perspectiva: múltiplos olhares**

**Ana Beatriz Arena** (UERJ-FFP)  
**Ana Cláudia Machado Teixeira** (UFF)  
**Ivo da Costa do Rosário** (UFF)  
**Milena Torres de Aguiar** (UERJ-FFP)  
**Monclar Guimarães Lopes** (UFF)

Com grande satisfação, apresentamos aos estudiosos do campo da linguagem a primeira edição dos Anais do CCO. Trata-se de uma coletânea de diversos trabalhos apresentados ao longo do *I Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações*, realizado nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2016, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, em Niterói – RJ.

Os Anais do CCO, nesta primeira edição, contam com treze trabalhos, redigidos por pesquisadores de diversas regiões do Brasil. Os textos aqui reunidos têm em comum a temática da conexão de orações e/ou o uso de conectivos a partir do olhar de, pelo menos, três perspectivas teóricas: a textual-discursiva, a funcionalista e a histórico-gramatical, que foram as grandes áreas privilegiadas nas discussões e atividades acadêmicas do I Seminário do CCO.

*Análise funcional das construções substitutivas no português brasileiro*, de Daniele Cristina Campos (CEDERJ/UFF), investiga o emprego de estruturas sintáticas ainda não descritas nas gramáticas vigentes: as construções substitutivas, compostas por um par correlativo formado por prótase (elemento negativo) e apódose (conector adversativo, seguido ou não de partícula de reforço). Paralelamente, com base no trabalho de Oiticica (1945; 1952), bem como em trabalhos de perspectiva funcionalista - Castilho (2014), Duarte (2013), Rodrigues (2013) e Rosário (2012; 2015) -, a autora problematiza a descrição gramatical canônica quanto ao processo de relação de orações, uma vez que a correlação em estudo não se enquadra nos critérios formais adotados para a coordenação e a subordinação.

Com base em 100 ocorrências extraídas do gênero notícia, do sítio *Folha de São Paulo*, a autora chega a nove diferentes padrões sintáticos que instanciam as construções substitutivas, a saber: *não -x, mas sim -y*; *não -x, e sim -y*; *não -x, mas -y*; *nunca -x, mas sim -y*; *jamais -x, mas sim -y*; *nenhum -x, mas sim -y*; *ninguém -x, e sim -y*; *nada -x, e sim -y*; *nenhuma -x, tampouco -y, mas sim -z*. Campos ressalta ainda a alta convencionalidade dessas construções, que, além de se apresentarem em gêneros

escritos bastante monitorados, representam uma importante estratégia argumentativa disponível ao falante no português brasileiro.

No artigo *Aspectos Polissêmicos do Conectivo mas em textos de discentes da 3ª série do ensino Médio*, Antonio Vianez da Costa investiga o uso do conectivo *mas* nas construções escritas por estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – *Campus* Manaus Zona Leste, levando em conta o aspecto polissêmico que esse articulador apresenta.

A partir da perspectiva do Funcionalismo Linguístico e da Semântica Argumentativa, o autor analisa a pluralidade de sentidos do conector *mas*, considerando o princípio da contraposição e semântico-argumentativo MasPA e masSN. O objetivo é verificar qual o uso escolhido preponderantemente e quais as motivações linguísticas que promovem tal escolha. O resultado apontou que o conectivo multifacetado *mas*, além de oferecer inúmeras possibilidades de sentidos aos usuários da língua, permite que esses usuários optem por determinada forma, contribuindo com a argumentatividade do seu discurso enquanto promove a continuidade e progressão da organização textual/discursiva.

*A ordem de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral e suas motivações discursivas, semânticas e sociais*, de Sávio André de Souza Cavalcante (UFC), analisa as motivações para a ordem variável (anteposição, intercalação e posposição) das orações temporais em relação às nucleares. Na investigação, foram consideradas as variáveis *relações lógico-semânticas, funções textual-discursivas, idade e escolaridade do falante*.

O estudo apoia-se na sociolinguística variacionista (Labov) e no funcionalismo linguístico (HAIMAN; THOMPSON; HALLIDAY; MATTHIESSEN; DECAT; GIVÓN), tendo como base 595 ocorrências do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México*. Considerando-se diferentes variáveis, os resultados apontam que, quanto à frequência de uso, há preferência pela anteposição, seguida pela posposição, ficando a intercalação em último lugar. Quanto às motivações, a anteposição introduz informações relevantes para guiar o ouvinte no evento descrito pela nuclear, a posposição emoldura eventos ou expressa avaliações referentes à nuclear e a intercalação realça o elemento com função de tópico na cláusula.

*Operadores argumentativos na escola: propostas de análise linguística para o desenvolvimento da leitura crítica*, de Pedro Lucas Castro (UFJF), tem como objetivo refletir sobre as estratégias didáticas para o ensino dos operadores argumentativos nos

livros didáticos contemporâneos de língua portuguesa no Brasil. Segundo o autor, membro do Grupo de Estudos sobre Reflexão e Análise Linguística na Escola (GERAL-E), é necessário um trabalho didático que vise ao tratamento discursivo dos processos de conexão sintática com o intuito de contribuir para a diminuição dos índices de analfabetismo funcional constatados entre os brasileiros por exames nacionais e internacionais.

Com base na análise crítica do discurso (DIJK, 2008), Castro toma como *corpora* três livros didáticos de grande circulação no território nacional: *Português Linguagens*, de Cereja e Magalhães (2010); *Novas Palavras*, de Amaral, Ferreira, Leite e Antônio (2013); *Português - Contexto, Interlocução e Sentido*, de Abaurre, Abaurre e Pontara (2013).

Sob essa perspectiva, o domínio dos elementos linguísticos de conexão - como pronomes, modalizações, construções oracionais, advérbios, entre outros - auxilia o leitor a interagir de maneira crítica e ativa com os enunciados, na medida em que o orienta tanto a depreender os sentidos a partir de elementos presentes na estrutura linguística da manifestação verbal quanto a empregá-los em seu favor para a obtenção de seus objetivos comunicativos.

Como resultado dessa investigação, o autor observa que as três obras apresentam formas muito distintas de tratar o processo de conexão sintática de orações, sendo a primeira delas bastante restrita quanto à análise dessas estruturas linguísticas, que visa apenas ao reconhecimento do valor semântico das conjunções em períodos descontextualizados, quase sempre elaborados pelo autor da obra como forma de elucidar o conceito gramatical a ser trabalhado. Por fim, o trabalho suscita a necessidade de ampliar essa investigação para outros livros didáticos de português consumidos no país, como forma de aferir se tais materiais contemplam um trabalho discursivo das estruturas linguísticas, como preconizam as Bases Curriculares Nacionais e Parâmetros Curriculares Nacionais.

*A articulação de orações por meio de mecanismos de contraexpectativa em crônicas de Rubem Braga*, de Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima (UFF), analisa a articulação de orações adversativas e concessivas por meio de mecanismos de oposição que exprimem ideia de contraexpectativa. A autora verifica o emprego do conector *mas*, observando a diferença entre o *mas SN*, operador lógico, cujo valor semântico é o de retificação, e o *mas PA*, operador argumentativo, seu objeto de análise. Além disso, investiga o emprego do conector *embora*, a fim de diferenciar a

argumentação concessiva e a adversativa a partir da observação da utilização de estratégias de antecipação e de suspense, respectivamente.

O estudo é realizado à luz da Macrossintaxe Argumentativa de Ducrot e do estudo semiolinguístico das relações lógicas proposto por Charaudeau, a partir de um *corpus* composto por duas crônicas escritas por Rubem Braga. A análise revelou que os conectores em estudo, em especial o *mas*, foram utilizados não só na articulação de orações dentro de um mesmo período, mas também promovendo a articulação entre períodos e parágrafos distintos, indo além do que é prescrito pelas gramáticas tradicionais e pela maioria dos livros didáticos que circulam nas escolas brasileiras, segundo os quais a função dessa “conjunção” é conectar, dentro de um mesmo período, duas ou mais orações. Dessa forma, o trabalho pretende cooperar com o processo de ensino e aprendizagem, mostrando como as pesquisas acadêmicas podem contribuir para o ensino de língua materna na educação básica.

*As conjunções alternativas na conexão frásica e interfrásica: visão discursiva*, de Rosane Monnerat (UFF), analisa o mecanismo da disjunção, não focalizado devidamente pela Gramática Tradicional. Segundo a autora, as obras filiadas à GT restringem-se em grande medida ao rol das chamadas conjunções coordenativas, sem desdobramentos. Atrelada a outra proposta teórica, Monnerat desvela as relações sintático-semântico-discursivas dessas conjunções, indo além do plano sintático.

O estudo apoia-se teoricamente nos pressupostos da Macrossintaxe Argumentativa (Ducrot), no enfoque semiolinguístico das relações lógicas (Charaudeau) e na visão cognitiva de Eve Sweetser (1992), com base em um *corpus* de 300 peças publicitárias. A análise revelou que o mecanismo da disjunção tem largo emprego no discurso da publicidade, com ênfase nas ocorrências de viés semântico-discursivo-pragmático construídas nas mais diversas situações de comunicação.

Em *Conceito e Descrição dos Conectivos nas Gramáticas Brasileiras do Século XIX*, Ricardo Cavaliere descreve os conceitos de conectivos em gramáticas brasileiras do século XIX, fazendo comentários e tocando em aspectos relativos ao emprego do termo nas obras publicadas naquele século. Com o intuito oferecer aos pesquisadores uma visão sintética e objetiva do tema, o autor faz um convite a análises mais aprofundadas desses compêndios gramaticais como estratégia para o estudo contemporâneo dos conectivos em português.

Cavaliere nos alerta que se verifica uma clara noção do emprego do termo *conectivo* como hiperônimo de preposição, de conjunção e de pronome relativo

(conjuntivo), bem como, em uma certa medida, de advérbio, para designar um termo que cumpre uma das funções conectoras por ele destacadas, apesar de esse termo não ser propriamente um metatermo no âmbito das gramáticas pesquisadas pelo autor.

Conclui que os papéis desempenhados por esses elementos são os mesmos, em medidas distintas, dos arrolados nas gramáticas do século XX, pelo menos até a época da Geração NGB. Há uma única ressalva, a de um quinto papel, o de *instrumento de coesão textual*, mais atrelado aos estudos da enunciação e da teoria do texto nos últimos anos do século XX. Apesar de não ser contemplado nas gramáticas do século XIX, consta em pelo menos dois gramáticos oitocentistas, curiosamente pertencentes a períodos historiográficos distintos da gramaticografia do português no Brasil.

*As conjunções pois e porque sob uma abordagem semântico-argumentativa*, de Anderson Rodrigues Marins (UFF), considera que as relações de causa e explicação conferidas às orações por ambos os conectores argumentativos ainda merecem reflexão. Segundo o autor, a taxonomia proposta pela Gramática Tradicional para a classificação das conjunções é bastante limitada e não totalmente clara. Ancorado em outra perspectiva teórica, Marins leva em conta, para sua análise, outros fatores significativos, como a organização que as conjunções dão ao discurso e à estruturação do texto.

A investigação tem como aporte teórico os pressupostos da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot, presente também nos estudos de Vogt, Guimarães, Koch, Neves e Azeredo. Com base em um *corpus* de língua escrita contemporânea, formado por textos dos gêneros jornalístico (jornal e revista) e “manual de instrução”, a análise demonstrou que as conjunções *pois* e *porque* agasalham características peculiares, quando em uso com valor explicativo ou causal, e que as nuances de significados entre ambas baseiam-se no comportamento diferenciado de certas orações introduzidas por esses conectores.

*Construções correlatas aditivas no século XVIII: um estudo funcional centrado no uso*, de Brenda da Silva Souza (UFF), tem como objetivo descrever o processo sintático e semântico subjacente à correlação aditiva. Apesar de as gramáticas tradicionais já apontarem a existência de um par correlativo *não só... mas também* como um dos padrões da expressão de adição, elas não descrevem essa construção gramatical como sendo um processo distinto da coordenação. Nesse sentido, é preciso observar que a prótase *não só* e a apódose *mas também* (e suas variantes) mantêm uma relação de interdependência (sintática e semântica), e não de independência, como defende a descrição gramatical canônica.

Com base nos preceitos da Linguística Funcional Centrada no Uso, sobretudo nos estudos de Rosário (2012; 2015) e Gervásio (2016), a autora analisa 108 ocorrências de construções correlatas aditivas de textos do século XVIII, extraídas de 20 diferentes livros disponíveis no sítio *brasiliانا.usp.br*, e chega a três diferentes padrões sintáticos instanciados pela construção: a) suboracional, em que a prótase e a apódose são preenchidos por sintagmas nominais; b) oracional, em que prótase e apódose são preenchidas por orações; c) supraoracionais, em que prótase e apódose são preenchidas por sequências que apresentam mais do que uma oração. A motivação pela investigação de construções do século XVIII se deve ao fato de sua pesquisa estar relacionada aos estudos de Rosário (2012; 2015), cujo objetivo é investigar a trajetória funcional da construção correlata aditiva do português arcaico (século XIII) aos dias atuais.

*Os modalizadores discursivos nos gêneros acadêmicos: índices de orientação argumentativa*, de Erivaldo Pereira do Nascimento (UFPB), analisa como os modalizadores discursivos se comportam em diferentes gêneros acadêmicos – ata administrativo-acadêmica, resumo, resenha, projeto de pesquisa de TCC e artigo científico – imprimindo marcas de argumentatividade e orientando os enunciados em que aparecem para determinadas conclusões.

O trabalho, de natureza quali-quantitativa e de caráter descritivo-interpretativista, fundamenta-se, principalmente, nos estudos sobre a Modalização Discursiva de Cervoni (1989), Castilho e Castilho (1993), Koch (2012), Nascimento (2009, 2010) e Nascimento e Silva (2012), além dos estudos sobre os gêneros discursivos empreendidos por Bakhtin (2000[1979]), entre outros. A análise mapeou a presença de todos os tipos de modalizadores apresentados por Nascimento e Silva (2012): epistêmicos, deônticos, delimitadores e avaliativos, cujo emprego produz diversos efeitos de sentido – assimilação, distanciamento e avaliação – e direciona os enunciados em razão de certas conclusões. Segundo o autor, esses efeitos de sentido são indispensáveis para a própria manutenção do *status quo* do universo acadêmico, ao qual pertencem os gêneros investigados.

*Articulação sintática e informacional das cláusulas relativas na fala espontânea do português do Brasil*, de Crysna Bonjardim da Silva Carmo (UFMG), visa a estabelecer uma distinção semântico-cognitiva entre orações relativas restritivas e não restritivas. Com o intuito de atender a esse objetivo, a autora parte de dados da modalidade oral, em que inexistente o recurso da pontuação, traço formal empregado para diferenciar um tipo de oração do outro nos textos escritos.

Em concordância com as análises da Linguística Funcional Centrada no Uso (HOPPER e TRAUGOTT, 1993), Carmo refuta a ideia de que os dois tipos de relativas descritos nas gramáticas tradicionais participem efetivamente do mesmo processo de integração de orações, haja vista que apenas a restritiva se encaixa no conceito tradicional de relativização. Nesse sentido, busca evidenciar a diferença entre esses processos na oralidade, fazendo uso da *Theory of Language in Act* (CRESTI, 2000), bem como do conceito de Escopo Semântico (CHIERCHIA E MCCONNELL-GINER, 2000; BARKER, 2015; SZABOLCSI, 2000).

Além disso, propõe uma definição para a relativização clausal baseada na estrutura informacional da fala definida pelo comportamento prosódico, utilizando como *corpus* dados do C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012). Como resultado, a autora confirma que os dois processos canônicos de relativização pertencem a diferentes processos de relação clausal, sendo a relativa restritiva o único tipo de relativização na língua, e constata que o pronome relativo “que” é o único conector de relativização empregado na fala espontânea. Já a oração relativa não restritiva, segundo a autora, desempenha uma função distinta na gramática, constituindo um grupo de cláusulas informacionais, que se distinguem semanticamente da restritiva.

No texto *Uma abordagem semiolinguística do comportamento do conectivo “e” na construção da argumentação*, Anabel Medeiros Azeredo de Paula e Rafael Guimarães Nogueira investigam o comportamento sintático-semântico e discursivo do conectivo “e” em um artigo de opinião publicado na revista *Veja*. Os autores focam no quanto esse conectivo contribui para a construção da argumentação nos níveis linguístico e discursivo, examinando a atuação na estruturação do modo de organização argumentativo do discurso e, na sequência, buscam explicitar a possibilidade de múltiplas interpretações de um mesmo enunciado.

Em suas palavras finais, Azeredo e Nogueira destacam a necessidade de se estudar o sistema linguístico ao mesmo tempo em que se dá ênfase à análise dos elementos coesivos que subsidiam a força argumentativa dos textos. Esse estudo conjugado visa a perceber as nuances de sentido imbuídas de posturas de caráter ideológico.

Por fim, *Desgarramento: um novo olhar*, de Violeta Virginia Rodrigues e Aline Ponciano dos Santos Silvestre, revisita o conceito de *desgarramento*, proposto por Beatriz Decat. As autoras propõem uma recategorização do fenômeno, objetivando estabelecer uma diferença entre *desgarramento* inerentemente pragmático e

*desgarramento* cotextual, e buscam comprovar que há uma marca de ruptura que caracteriza as *desgarradas*, ainda não estudadas com relação a esse aspecto no PB.

O estudo apoia-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico (Decat, Chafe) e nos da Fonologia Prosódica (Nespor e Vogel), tendo como base um *corpus* formado pelos resultados de diferentes trabalhos sobre o tema. A análise permitiu às autoras verificarem que há pausa entre a cláusula anterior e a desgarrada, sendo possível postular que a cláusula desgarrada, por si só, inicia um novo contorno melódico, diferenciando-se das não desgarradas.

Esperamos que esses textos possam proporcionar importantes reflexões aos leitores e que sirvam como convite ao estudo e à análise dos conectivos e dos diferentes processos de conexão de orações em língua portuguesa e em outras línguas.

*Os editores*